



DEFICIENTE INTELECTUAL E FAMILIA: UM ESTUDO SOBRE O ENVELHECER

INTELLECTUAL AND POOR FAMILY: A STUDY ON AGING

Adriana Silva Contrera Aldrigue

Fernanda de Souza

Tatiana Fernanda Pedroso dos Santos¹

RESUMO

Atualmente a expectativa de vida do ser humano tem aumentado. No caso das pessoas com Deficiência Intelectual (DI) o envelhecimento é precoce, dessa forma pode coincidir com o envelhecimento de seu responsável. Tendo em vista essa problemática, formulou-se a pesquisa com objetivo de verificar como o envelhecimento é compreendido pelo DI e o responsável bem como seus anseios e preocupações. Esse estudo foi realizado por meio de entrevista estruturada aberta, participando o DI e o responsável individualmente e com análises quantitativas e qualitativas pôde-se observar que as pessoas deficientes têm muitas perspectivas de futuro como a formação de uma família, trabalho, entre outras. Já os responsáveis preocupam-se com os cuidados que serão oferecidos aos filhos após seu falecimento, e o desejo do DI em casar e ter filhos ainda é considerado tabu entre os cuidadores. Constata-se a importância da existência do diálogo entre as famílias, visto que estas apresentam influências nos desejos dos filhos.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual. Envelhecimento. Família.

ABSTRACT

Currently life expectancy of humans has increased. In the case of people with intellectual disability (ID), aging is premature, so, it may coincide with the aging of the person responsible for him/her. In view of this problem, the present research was formulated with the objective to verify how ID people and their responsible ones understand aging. This study was conducted by means of structured open interviews, in which took part, individually, the person with ID and his/hers responsible. In addition, with quantitatively and qualitatively analysis it was possible to observe that disabled people have many future perspectives such as family formation, work, among others. On the other hand, the people responsible for them worry about the care that will be offered to their sons/ daughters after they die, and the ID's desire to get married and have children is still considered tabu among the caretakers. It is noted the importance of dialogue among the families, since these present influences in the sons/ daughters desires.

Key-words: Intellectual disability. Aging. Family.

¹ Graduada Psicologia. Universidade Paranaense, UNIPAR, Brasil.



Introdução

O presente artigo refere-se à pesquisa realizada em duas unidades da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) das cidades de Nova Tebas e Iretama - Paraná sobre o envelhecimento da pessoa com deficiência intelectual, que pode coincidir com o envelhecimento do cuidador. Nesse sentido visou-se investigar as expectativas e preocupações de ambos, de modo a contribuir para a construção de conhecimento nessa temática, ainda incipiente no país. Buscou-se com o trabalho auxiliar na compreensão da subjetividade das pessoas com deficiência intelectual para que possa lhe ser oferecido apoio eficaz e de qualidade.

No decorrer da construção histórica do Brasil, a nomenclatura que se refere à pessoa com deficiência intelectual passou por diversas mudanças, tendo como precedente a designação “deficiência mental”, conforme Pereira (2012). No entanto, a expressão dava a entender que a pessoa possuía um *déficit* de toda a mente. Sasaki (2003 apud PEREIRA, 2012) relata que a Psicologia, a Medicina e a Neurociência favoreceram o conhecimento sobre o fenômeno, contribuindo para a adoção do termo “deficiência intelectual”, entendendo que a mesma não abrange a mente como um todo e, sim, a dimensão intelectual. A Associação Americana de Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento-AAIDD (2010 apud PARANÁ, 2013) assim define as pessoas com deficiência intelectual:

Aqueles que possuem incapacidade caracterizada por limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo expressa nas habilidades práticas, sociais e conceituais, manifestando-se antes dos dezoito anos de idade (p.9).

Dessa forma, a deficiência intelectual deve ser analisada como uma interação entre funcionamento intelectual e suas relações com o contexto social, Com isso, as limitações passam a ser compreendidas como parte do contexto social, ressaltando-se a importância da oferta de apoio às pessoas para seu melhor funcionamento.

Com o passar dos anos, a perspectiva de vida dos brasileiros vem aumentando gradativamente. Dados recentes do Banco Mundial (2014) mostram um avanço nos índices de 54,69 anos, em 1960, para 73,62 em 2012. Avanços tecnológicos e científicos também permitem a longevidade para pessoa com Deficiência Intelectual, aumentando sua média de vida em 20 anos, passando de 35, em 1991, para 55 anos, em 2000 (COLLUCCI, 2006).



O aumento da perspectiva de vida da pessoa com DI cria novos desafios, pois apesar de envelhecer não ser sinônimo de adoecer, aumenta a necessidade de cuidados com a saúde, bem como aprimorar as relações, a solidariedade social e intergeracional (LITVOC; BRITO, 2004). Assim como a pessoa com deficiência intelectual, os pais cuidadores também envelhecem e, com o passar dos anos, vão ficando frágeis e necessitando de cuidados.

[...] os idosos deficientes mentais são suscetíveis de enfrentar grandes transições nas suas vidas à medida que eles e suas famílias envelhecem. De acordo com o mesmo autor, a morte ou a doença dos cuidadores, bem como as alterações normais provocadas pelo envelhecimento podem implicar uma significativa mudança no ambiente em que os idosos deficientes mentais vivem (ALVES 2012 apud GIRARDI; PORTELLA; COLUSSI, 2012, p. 85-86).

As mudanças são inevitáveis, mas podem ter seus impactos suavizados quando realizados trabalhos com o DI e cuidadores, buscando incluí-los ao máximo no cotidiano comunitário e familiar, de forma que a responsabilidade dos cuidados não recaia apenas sobre uma pessoa, estimulando laços afetivos e de confiança com vários indivíduos no dia-a-dia. Sobre esse tema foi realizada a presente investigação, cujo relato encontra-se a seguir.

Metodologia

Adotou-se a metodologia mista - qualitativa e quantitativa. Participaram da pesquisa 71 pessoas, sendo 44 alunos com DI do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e 27 pais. Dentre eles, 14 pais e 21 alunos fazem parte da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Nova Tebas, mantenedora da Escola de Educação Básica – Modalidade Educação Especial “Adelina Meurer”. Os demais participantes, 13 pais e 23 alunos integram a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Iretama, mantenedora da Escola de Educação Básica – Modalidade Especial “Favos de Mel”.

Utilizou-se dois roteiros de entrevista para construção dos dados da pesquisa. Ambas foram entrevistas individuais e abertas, devidamente autorizadas pelos participantes do estudo, com uso de gravador. Os dados foram construídos primeiramente com alunos e posteriormente com os pais, em locais e datas previamente agendados. Foram transcritos, quantificados, categorizados e analisados qualitativamente.

Para os alunos, a entrevista foi estruturada com 10 itens, especificados a seguir:



- 1 Você sabe o que é futuro?
- 2 O que é para você o futuro?
- 3 Que sentimento lhe ocorre ao pensar no futuro?
- 4 Com quem você gostaria de morar no futuro?
- 5 Preocupações expressas pelas famílias.
- 6 Os Familiares já planejaram seu futuro?
- 7 Há algum assunto que poderia ser falado em casa, mas isso não ocorre?
- 8 Por que não falam?
- 9 Quem deveria falar?
- 10 O que pedimos a nossa família para concretizar nossos projetos?

O roteiro de entrevista com os pais teve 9 itens, a saber:

- 1 Seu filho apresenta independência?
- 2 Você já refletiu sobre seu envelhecimento/futuro? E de seu filho?
- 3 Que sentimento lhe ocorre ao pensar no envelhecimento?
- 4 Há algum sentimento de culpa ou arrependimento na educação de seu filho?
- 5 Você já pensou como será o futuro de seu filho quando você falecer?
- 6 Você já preparou em pessoa para receber seu filho?
- 7 Você acha que a família do cuidador aceitará?
- 8 Como irá manter-se economicamente?
- 9 Você conversa sobre o envelhecimento com seu filho/a?

Análise dos resultados

Os dados quantitativos foram organizados com uso de estatística básica, mediante o cálculo percentual. Em relação à entrevista com os alunos, os resultados estão especificados na sequência das perguntas.

- Você sabe o que é futuro?

Respostas afirmativas foram dadas por 45,5% dos participantes, sendo que os demais (54,5%) declararam que não.



- Quando indagados: O que é para você o futuro, as respostas foram variadas e dispersas, conforme categorização a seguir:

- Em relação ao significado de futuro:
 - Não sei.
 - O futuro a Deus pertence.
 - Morrer.
 - Ficar velho, ter cabelo branco.
 - É ter uma vida sem preocupações.
 - Ficar só sem mãe e pai.
 - Dinheiro/aposentadoria.
- O futuro entendido como atividades a realizar ou providências a tomar:
 - Estudo, bordado na escola, saúde.
 - Fazer economia, abrir uma poupança para manter-se futuramente.
 - Vender a casa onde a mãe morava para comprar uma cadeira de rodas nova.
 - Quero arrumar uma casa e sair do asilo.
 - Trabalhar.
 - Ter casa e sitio.
 - O que faremos em nossa vida: fazer carteira de motorista/casar/comprar um carro.
 - Fazer faculdade.
- Reação: Desmaiar;

- Que sentimento lhe ocorre ao pensar no futuro?

As respostas foram quantificadas em percentual relativo às expectativas de sentimentos experimentados:

- 9,1% Felicidade.
- 27,2% Alegria.



- 2,3% Alegria/Medo/ansiedade.
 - 6,8% Medo.
 - 2,3% Alegria/tristeza/medo.
 - 2,3% Ansiedade.
 - 2,3% Agitação.
 - 2,3% Sentimento bom.
 - 29,5% Não sei.
 - 15,9% Nada.
- Com quem você gostaria de morar no futuro?
- Algumas respostas remeteram à família: irmãos, cônjuge, tios, mãe e pai. Outras, indicam expectativa de autonomia e constituição da própria família: sozinho, namorado, com um rapaz que cuide de mim. Houve resposta remetendo à institucionalização: asilo. E resposta não indicada: não sei.
- Preocupações expressas pelas famílias.
- Os respondentes percebem as preocupações de suas famílias quanto ao seu futuro organizadas nas seguintes categorias:
- Visando a possibilidade de vida autônoma: trabalho.
 - Condição de sobrevivência: aspecto financeiro, herança.
 - Bem-estar físico e emocional: saúde; acontecer algo ruim; ser feliz. Religião.
 - Segurança, cotidiano: eu vou embora, com meu tio; com o futuro; com meu dia a dia; moradia; preocupação enquanto está na escola.
 - Sem perspectiva: não sei.
- Os Familiares já planejaram seu futuro?
- As respostas mais frequentes foram negativas: 40,9% não sabem ou responderam que não. Apenas 18,2% responderam afirmativamente.
- Há algum assunto que poderia ser falado em casa, mas isso não ocorre?
- Responderam afirmativamente 13,6% e 86,4% disseram que não.



- Por que não falam?

As respostas foram lacônicas, talvez pelo não entendimento da pergunta:

- Por que não pode namorar.
- É assunto meu.
- Ela briga comigo se eu falar.
- Pai não gosta.
- Não sei.

9. Quem deveria falar?

A família foi identificada como interlocutora privilegiada: *irmãos, pai e mãe*. Também surgiu resposta de autonomia: *eu*.

- O que pedimos a nossa família para concretizar nossos projetos?

As respostas dos participantes foram categorizadas e registradas em sequência, como segue:

- Em termos de futuro profissional:

Ser cantora.

Apoio para eu ser veterinária.

Bazar pra vender “coisas”, e um mercado pra eu ser gerente.

- Expectativa de constituição familiar:

Ajudar na escolha de um rapaz bom para casar.

Ir morar com o namorado.

Meu sonho é ter uma família, ter um molequinho.

Uma casa pra morar sozinha.

- Adquirir bens:

Comprar um carro.

Ter uma casa melhor para morar.

Receber meu benefício, comprar uma camisa bonita.

Comprar calçado, remédio e um carro.

Vender a casa, já fez um banheiro.

Fazer carteira de motorista.

- Inclusão social, qualidade de vida:



*Visitar Aparecida do Norte.
Estudar.
Ser feliz.
Rezar pra Deus me curar e voltar a andar.
Cuidar de mim e levar para passear.
Festa de aniversário.*

- Importância de planejar o futuro:

*Não precisar de ajuda do próximo.
Trabalhar.
Casar.
Ter família e casa.
Ajudar a família na casa.
Morar sozinha.*

- Qualidade de vida:

*Pensar na felicidade.
Para melhorar o planeta.
Tocar viola.*

- Indefinição:

*Para ter uma ideia de como vai ser.
Tem que planejar, mas é difícil.*

- Moradia:

*Asilo.
Irmãos.
Cônjuge e filhos.
Sozinho.
Tios.
Morar com primos e/ou amigos.
Casa em São Paulo bem longe da minha família.*

- Segurança financeira:

*Irmã será responsável,
Aposentadoria.
Trabalhar.
Herança dos pais.
Tenho o benefício e namorado também.*

- Implicações tem a falta de planejamento:



*Se morrer o problema é deles.
Pode ser atacado, violentado.
Nenhuma consequência.
Quem não pensa não faz nada.
Podem acontecer coisas ruins.
Não tem onde morar.
Sem planejar o futuro a pessoa gasta tudo e fica sem nada, tem que trabalhar, mas tem que segurar um pouco.
Ficar sem casa.
Falecer.
Falta do cuidador.
Ficarão sem profissão.*

Os resultados da pesquisa com os alunos demonstram que apenas 45,5% dizem saber o que é futuro. Para eles está relacionado a algo que farão no futuro, como perspectivas de trabalho, moradia, qualidade de vida, namoro e envelhecimento, como mostra a questão 2. Esses projetos serão realizados para aqueles que possuem condições favoráveis, pois a pessoa com deficiência intelectual pode criar oportunidades para seu desenvolvimento (MONTEIRO apud DIAS;PEREIRA, 2009). Em seguida os pesquisados expressam quais os sentimentos emergidos ao pensarem no futuro, entre estes, 29,5% relatam não saber identificar os sentimentos e 15,9% acreditam não emergir sentimento algum.

A questão 4 ressalta a vontade dos alunos, podendo estes expressarem com quem gostariam de morar e não com quem os cuidadores gostariam que eles morassem no futuro. A maioria das respostas indicaram os familiares e possíveis cônjuges. Após os mesmos relatam suas percepções a cerca das preocupações expressas por seus familiares com relação a eles, porém na questão 6 apenas 18,2% acredita que os familiares já planejaram seu futuro, os demais não souberam responder e/ou acreditam que não planejaram. Quando questionados se há algum assunto que poderiam conversar em casa, mas não conversam, somente 13,6% dizem que sim.

Assuntos relacionados a namoro são comumente considerados pela família “tabu”, e gostariam de conversar sobre isso com pais e irmãos como mostra a questão 7, segundo Denari (2010) querem trocar afetos, abraçar, beijar, porém na maioria esse direito lhes são negado pela família e/ou sociedade. Essa falta de diálogo traz muitas dúvidas sobre o assunto e isso faz com que necessitem que a instituição que frequentam, ofereça escuta e orientações especializadas (SANTOS; LIMA, 2012).



Outro questionamento possibilita que os pesquisados expressem os desejos e projetos de vida como forma de pedido a família para que os ajudem a concretizá-los. Diante do contexto há a necessidade de indagar sobre o significado de planejar o futuro, considerado por eles, importante para que tenham uma expectativa do que poderá acontecer. A maioria gostaria de ficar próximo dos familiares, alguns poderiam morar sozinho, outros casar e ter filhos, tendo como foco financeiro o Benefício de Prestação Continuada (BPC), a aposentadoria, o trabalho ou um familiar. Ao finalizar, os alunos foram questionados quais seriam as possíveis implicações quanto à falta de planejamento para o futuro, acreditando eles que a principal implicação seria o acontecimento de algo ruim. Coletado os dados com os alunos sobre suas perspectivas de futuro considerou-se importante conhecer a visão dos responsáveis sobre seu envelhecimento, bem como do filho. Sobre a entrevista com os pais, temos os seguintes resultados, após categorização das respostas e sequenciamento das respostas dos diferentes participantes:

1. Seu filho apresenta independência?

Responderam afirmativamente 29,6% dos pais e 70,4% relataram que não. Essa informação estimula o provimento de programas e atividades voltados ao desenvolvimento de habilidades sociais e práticas nos sistemas de ensino voltados ao público com deficiência intelectual.

2. Você já refletiu sobre seu envelhecimento/futuro? E de seu filho?

Conquanto a pergunta se dirija ao envelhecimento dos pais e, depois do filho, as respostas se concentram nos filhos, demonstrando como centralizam as preocupações da família. O relato predominante é que os pais envelhecerão, adoecerão e morrerão. As respostas foram agrupadas em categorias:

- Saúde, segurança e proteção:

É o que mais penso, em morrer e deixar minha filha.

Gostaria que ela não tivesse problema, me preocupo quem cuidará dela.

Como ela vai ficar? Casar eu não deixarei.

O que vai acontecer quando eu faltar?

Ele envelhecerá mais rápido que eu.



Penso todos os dias, acredito que ele não mudará, seu futuro é incerto, Sim. Converso com a esposa para fazermos economia e no caso de uma necessidade no futuro quando não tivermos muita saúde termos reservas para custear um tratamento adequado aos nossos filhos.

Ficarei mais fraco e doente e um dia irei partir, não quero que ele sofra.

- Educação e autonomia apoiada:

Sim, gostaria que ele estudasse.

Não pensei, porém, quero que minha filha estude.

Às vezes penso: minhas filhas cuidarão de nós quando envelhecemos, mas gostaria que ele trabalhasse e tivesse uma vida boa.

O que será da minha filha quando nós falecermos, quem vai cuidar?

Gostaria que encontrasse uma pessoa boa para casar.

Quero que ela se case e tenha uma família, que seja feliz.

Já sou velho, quero que ela continue estudando e alguém cuide dela.

- Indefinido: Não.

3 Que sentimento lhe ocorre ao pensar no envelhecimento?

Os respondentes relatam sentimentos diversos, categorizados em positivos, negativos, com predomínio do segundo:

- Positivos: *Alegria; Satisfação.*
- Negativos: *Angustia; Tristeza; Medo; Desespero; Impotência; Abandono; Dó.*
- Duplo sentido: *Expectativa; Preocupação.*
- Indefinido: *Não sei.*

4 Há algum sentimento de culpa ou arrependimento na educação de seu filho?

Relataram não sentir 88,9% dos participantes, enquanto 11,1% afirmam que sim e justificam:

- 3,7% um pouco de culpa: *porque eu trabalhava fora e ele ficava com outras pessoas.*
- 3,7% Arrependimento por não tê-lo colocado antes na APAE.
- 3,7% Não me arrependo, mas me questiono se tivesse tentado ajudar minha irmã a se desenvolver mais e inserir mais no convívio social, hoje ela não seria “diferente” e até mesmo os outros irmãos a aceitariam.



5 Você já pensou como será o futuro de seu filho quando você falecer?

As respostas foram categorizadas e relatadas em sequência, como segue:

- Em relação a moradia e cuidado na família:

Que ele construa uma família para ele.

Os irmãos cuidarão.

As irmãs que decidirão e ele também.

Sim, penso que será um futuro de muito sofrimento, porque nenhum outro irmão aceita ficar com ela. Mas já conversei com minhas filhas.

- *Com tios.*

- Assistência fora da família:

Casa de abrigo.

Não gosto de pensar a respeito, porque não tenho com quem contar, não tenho apoio de ninguém da família a não ser de Deus. Talvez em um abrigo.

- Indefinido: *Procurou não pensar, prefiro viver o dia-a-dia.*

6 Você já preparou essa pessoa para receber seu filho?

O percentual de 55,6% dos participantes responderam *não*. E 44,4% afirmaram que *sim*, com os seguintes esclarecimentos:

- 3,7% responderam *sim* e afirmaram: *Pagando alguém para cuidar sob minha supervisão.*
- 3,7% responderam *não*. *Mas sei da responsabilidade que esse meu filho tem e ele sempre cuidou de toda a família.*
- 3,7% afirmaram: *Não tenho ninguém para deixar.*
- 3,7% declararam: *Estou preparando.*
- 3,7% disseram: *Não, mas acho que tem que preparar.*

7 Você acha que a família do cuidador aceitará?

- O percentual de 48,1% dos participantes deram resposta afirmativa.
- Deram resposta *não* 7,5% dos entrevistados.
- Dentre os entrevistados, 44,4% afirmaram não saber.



8 Como irá manter-se economicamente (o filho)?

- O percentual de 48,1% indicaram o Benefício da Prestação Continuada (BPC).
- O índice de 18,5% farão transferência da aposentadoria do responsável.
- O percentual de 7,5% declararam que o filho precisará trabalhar.
- A taxa de 3,7% dos participantes informaram que deixará a parte da herança dos filhos deficientes para o filho mais velho que ficará responsável pelo irmão.
- Dentre os entrevistado, 22,2% declarou não saber.

9 Você conversa sobre o envelhecimento com seu filho/a?

- Pouco mais da metade (51,9%) respondeu afirmativamente, enquanto 48,1% não falou com o filho sobre o assunto.

Iniciamos a pesquisa com os responsáveis abordando a independência do filho, onde 29,6% relatam apresentar independência, porém com algumas restrições e necessitam de orientação e supervisão. Os demais afirmam não apresentar independência. Quanto às preocupações sobre envelhecimento, os participantes dão respostas que variam de acordo com o nível de deficiência. Quanto maior o comprometimento mais os responsáveis preocupam-se com o seu envelhecer, bem como do filho, uma vez que necessita de cuidados devido à deficiência. Ademais, com o envelhecimento, os pais que ofereciam apoio passam a necessitar dele. Então, quem cuidará de ambos? Como serão os cuidados oferecidos após seu falecimento? Com os filhos menos comprometidos, os pais preocupam-se com seus estudos e a expectativa de poderem trabalhar. Na questão 3, os responsáveis puderam expressar os sentimentos ao pensar no futuro, diante dos fatos mencionados na questão anterior. Os mais relatados apontam o medo e a preocupação. Quando questionados na questão 4, se há algum sentimento de arrependimento na educação dos filhos, somente 11,1% relatam que sim, justificando terem dedicado pouco tempo a eles.

Ao pensar no futuro do filho, os participantes relatam muito sofrimento, pois questionam sobre os cuidados que serão oferecidos a ele. Receiam que possam ser inferiores aos proporcionados pelos genitores. Como refere a questão 5, essas preocupações corroboram com Tavares (2004 apud OLIVEIRA, 2013, p.3) quando diz que “as pessoas idosas com deficiência



intelectual vivem uma exclusão em dobro, pois são discriminadas por serem deficientes e por serem idosas”. Mesmo preocupados com os futuros cuidados dos filhos, na questão 6, os respondentes, em 55,6% dos casos, ainda não prepararam alguém para ser o responsável após seu falecimento. Porém, pensam em algum familiar. Ainda declaram ter dúvida se a família do possível cuidador aceitará o deficiente intelectual. Apenas 48,1% dos entrevistados acreditam que o cônjuge e/ou filhos aceitarão, como afirmam na questão 7.

Outro aspecto preocupante para os pais entrevistados diz respeito à manutenção do filho, afirmando alguns que possuem o Benefício de Prestação Continuada; outros, a possibilidade de transferência da aposentadoria do responsável, porém há aqueles que não sabem como ficará essa situação, conforme a questão 8. Para finalizar a pesquisa 51,9% dos responsáveis relatam conversar com o filho sobre o envelhecimento, porém sem a devida seriedade, adotando um caráter de “brincadeira”. Os demais não se sentem à vontade para conversar sobre o assunto.

Ao decorrer da pesquisa ficou evidente que na maioria das vezes, os desejos dos filhos diferem dos pais, principalmente no que se refere a namoro e casamento, considerado ainda “tabu” entre os responsáveis, fato gerador de conflito pessoal e interpessoal, devido à falta de diálogo.

Conclusão

A pesquisa nos permite conhecer expectativas e anseios das pessoas com deficiência intelectual, bem como dos responsáveis em relação ao futuro e planejamento de suas vidas, visto que o envelhecimento poderá acontecer concomitantemente para pais e filhos. Constatou-se que um dos principais aspectos para o planejamento é o diálogo entre a família, influenciando na condução dos projetos de vida na falta do cuidador. Quando não há diálogo, são desconsiderados os desejos dos filhos no planejamento.

O conhecimento proporcionado pela pesquisa poderá ajudar na compreensão da dinâmica estrutural das famílias integradas por pessoas com deficiência intelectual. Famílias que muitas vezes subestimam o potencial do filho, desconsiderando seus desejos e projetos de vida e por eles consideradas “eternas crianças”. De acordo com Dias e Oliveira (2013), quando a pessoa com deficiência intelectual é tratada com infantilização, fica prejudicada no direito a uma vida adulta autônoma e cidadã.



A pesquisa tem potencial para contribuir com a ampliação do conhecimento de profissionais que atuam com esse público específico e trazer subsídios para a proposição de intervenções diferenciadas que enfoquem a pessoa DI, dando ênfase à importância da interação familiar.

REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. **Expectativa de vida, Brasil.** Última atualização: 7 de mai de 2014. Disponível

em: <https://www.google.com.br/publicdata/explore?ds=d5bncppjof8f9_&met_y=sp_dyn_le00_in&hl=pt&dl=pt&idim=country:BRA:MEX:ARG> Acesso em: 25 jun. 2014.

COLLUCCI, C. **Folha de São Paulo: Deficiente mental ganha 20 anos de Vida.** São Paulo, domingo, 12 de março de 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1203200620.htm>> Acesso em: 09 jul. 2014.

DENARI, F. E. **Adolescência, afetividade, sexualidade e deficiência intelectual: o direito aos ser/estar.** 2010. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/3491/3262>. Acesso em: 14 jul. 2014.

DIAS, S. S; OLIVEIRA, M. C. S. L. **Deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural: contribuições ao estudo do desenvolvimento adulto.** 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382013000200003&script=sci_arttext. Acesso em: 10 nov. 2014.

GIRARDI, M, PORTELLA, M. R, COLUSSI, E. L. **O Envelhecimento em deficientes intelectuais** 86 RBCEH, Passo Fundo, v. 9, Supl. 1, p. 79-89, 2012 Disponível em: <<http://www.academia.edu/7276453/2799-12134-1-PB>> Acesso em: 09 jul. 2014

LITVOC J, BRITO FC. **Envelhecimento: prevenção e promoção da saúde.** Organizadores. São Paulo: Atheneu; 2004. 226 pp. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v22n9/27.pdf>> Acesso em 01 jul, 2014

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial e Inclusão Educacional. Centro Estadual de Avaliação e Orientação Pedagógica. **Curso de Avaliação Psicoeducacional no Contexto Escolar.** 2013. Curitiba. 65p.



PEREIRA, J. E. **A Infância e a deficiência intelectual: algumas reflexões**, In: IX ANPEDSUL SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2044/690> >
Acesso em: 10 jul. 2014.

PEREIRA, J. R. T. **Aplicação do questionário de qualidade de vida em pessoas com deficiência intelectual**. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1982-12472009000100006&script=sci_arttext. Acesso em: 14 jul. 2014.

SANTOS, T. F. P. LIMA, R. P. **Sexualidade: Saúde na Escola. Mostra de projetos: Estratégias para o desenvolvimento local e o alcance dos objetivos de desenvolvimento do milênio**. 2012. Disponível em: [http://www.fiepr.org.br/nospodemosparana/uploadAddress/Sexualidade_Saude_na_Escola\[39771\].pdf](http://www.fiepr.org.br/nospodemosparana/uploadAddress/Sexualidade_Saude_na_Escola[39771].pdf). Acesso em: 14 jul. 2014.